



# A PROMESSA

Após saber que tinha  
leucemia, Michael só pediu  
uma coisa à mãe

POR CYNTHIA DERMODY





**Kathy Staub**  
(à frente), na ala do  
hospital onde seu  
filho ficou, com  
amigas que viraram  
colegas.

**Kathy Staub sentiu o coração acelerar** e o suor cobrir-lhe a testa. Kathy, 42 anos, vendedora de uma delicatessen na Filadélfia, detestava o momento em que precisava aplicar em Michael, seu filho mais novo, uma injeção de um remédio chamado Neupogen, que estimula a produção de glóbulos brancos. Devia posicionar a longa agulha num ângulo de 90 graus em relação ao braço de Michael e atingir a camada de gordura que fica entre a pele e o músculo. Para conseguir isso, tinha de dar uma estocada rápida e precisa.

Era junho de 2001, e, só de pensar em causar ainda mais dor a Michael – rapaz de 20 anos que cursava o segundo ano da faculdade e que, meses antes, recebera o diagnóstico de um tipo raro de leucemia –, Kathy ficava nervosa. Michael tolerara duas etapas do tratamento com quimioterapia, os cateteres venozos centrais e as biópsias de medula óssea. Mas injeção era o que ele mais odiava. “Detesto isso, mãe. Rápido”, pedia, de pé na sala de estar da família. Kathy apertava-lhe o bíceps, tentando comprimir a pele e aliviar a dor causada pela injeção. Então colocava o polegar da outra mão no êmbolo da seringa. *Vamos lá, pensava. Concentre-se. Concentre-se.*

Rapidamente, Kathy introduzia a agulha no braço de Michael e, em meio ao estremecimento do corpo do filho, puxava um pouco o êmbolo para ter certeza de que nenhum sangue saía. Na mosca! Ela puxava o êmbolo completamente e injetava o medicamento. Quando tudo terminava, Michael ajustava o soro preso ao peito e se sentava no sofá para ver TV.

Kathy podia ter contratado uma enfermeira para cuidar do filho quando ele recebia alta do Hospital da Universidade da Pensilvânia e precisava continuar o tratamento em casa. Mas queria fazer tudo sozinha: limpar o cateter e aplicar as injeções, administrar soros e pílulas de que o filho precisava todo dia. Não importava o fato



de não gostar sequer de ver sangue. Kathy era próxima de seus dois outros filhos, Melissa, 23 anos, e Matthew Jr., 22 anos, que estava fazendo faculdade. Mas Michael e ela tinham uma ligação especial. Kathy praticamente se mudava para o hospital quando o filho precisava se tratar lá. Ela e toda a família, inclusive Matthew, o marido, que trabalhava no açougue de um supermercado, haviam ficado muito íntimos das enfermeiras do Rhoads 7, a ala onde ficam os pacientes com leucemia e linfoma. E não era só porque elas cuidavam muito bem de Michael. As enfermeiras deram apoio a toda a família, principalmente a Kathy, que almoçava e jantava com elas, falava sobre os medos que tinha e chorava em seus ombros. As enfermeiras afirmavam: “Michael é forte. Ele vai se curar”, e faziam massagens nas costas de Kathy quando ela não conseguia dormir na cadeira reclinável que havia no quarto do filho.

Kathy passou a admirar ainda mais as enfermeiras quando compreendeu tudo o que seu trabalho envolvia. Numa das primeiras vezes em que aplicou em Michael uma injeção de anticoagulante, errou o alvo e acertou a própria mão, que sangrou horas a fio, pois o remédio entrara em sua corrente sanguínea. Kathy anotava todas as injeções e todos os 50 comprimidos que dava a Michael diariamente numa caderneta que guardava na sala de jantar, ao lado do frigobar, que antes ficava no alojamento dele na faculdade. Agora, estava cheio de sacolinhas de soro com magnésio e potássio,

para reabastecer Michael de eletrólitos, e de anfotericina, antibiótico contra a pneumonia causada por fungos que ele contraíra por causa do seu sistema imunológico debilitado.

“Sempre achei que as enfermeiras davam os remédios aos pacientes e iam embora”, diz Kathy. “Mas então passei a entender melhor a maneira que têm de gerenciar seu tempo e sua energia. E olha que elas cuidavam de três ou quatro pacientes! Eu levava o dia todo para cuidar de um só. Mas não me sentia como enfermeira. Apenas como mãe.”

Michael piorou em agosto de 2001 e foi internado de novo no Rhoads 7 para se submeter a uma terceira etapa da quimioterapia. Kathy pediu demissão para poder ficar o tempo todo no hospital, indo para casa durante apenas uma hora por dia, para tomar banho, enquanto Matthew saía do trabalho e ficava com o filho. “Eu não dormia nunca, porque Michael passava a noite inteira vomitando e tinha diarreia constante”, conta Kathy.

**Pais normalmente ficam** o tempo todo ao lado de seus filhos doentes. Mas as enfermeiras perceberam algo de especial em Kathy. Ela vivia sorrindo, sempre otimista, mesmo nos dias em que Michael estava passando muito mal ou quando acabara de receber más notícias sobre o tratamento. “Kathy nunca falava de si própria ou dos sacrifícios que estava fazendo”, diz Debra Dears-tyne, uma das enfermeiras de Michael. “Jamais deixava Michael perceber o quanto tudo aquilo era difícil para ela.”

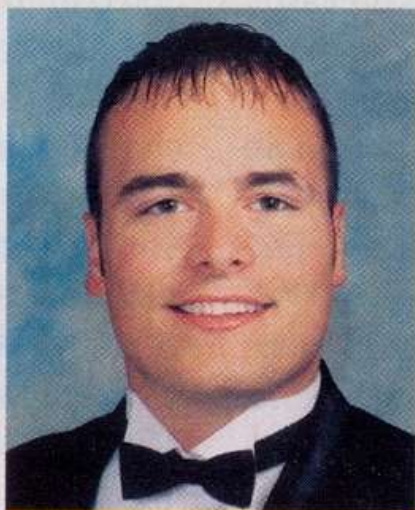


# A médica levou-os para o corredor, para que Michael não ouvisse: **A QUÍMIO NÃO FUNCIONOU.”**

Certo dia, o rapaz disse a Felice Kloss-Hefferan, uma das enfermeiras do hospital, que estava tão impressionado com o trabalho dela e de suas colegas que planejava seguir a profissão quando estivesse melhor. Michael sempre acreditou que ia conseguir se curar. Ele já ultrapassara outros obstáculos na vida. Nascera prematuramente no dia 1º de janeiro de 1981. Além disso, desenvolvera um problema de aprendizado, mas mesmo assim obtivera boas notas e passara para uma turma comum na 3ª série.

Apesar de se sair bem na escola, Michael fora mal no vestibular. Deixara de viajar nas férias para fazer um curso preparatório na Universidade Widener, ao sul da Filadélfia, e então conseguiu ser aprovado naquele outono. Michael tinha 1,75 m, e por isso sempre ouvira que era baixo demais para praticar esportes, mas, mesmo assim, conseguiu entrar para o time de futebol americano da universidade.

**Quando a terceira** etapa da quimioterapia terminou, em setembro de 2001, Michael voltou para casa a fim de es-



**Michael teve uma forma rara de leucemia, que duplicou sua resistência à quimioterapia.**

perar pelos resultados. Semanas mais tarde, Kathy e Matthew ficaram arrasados quando a Dra. Selina Luger, oncologista de Michael, levou-os para um corredor da clínica, onde o filho não podia ouvi-los, e disse:

- A quimioterapia não funcionou.

- E agora? - perguntou Kathy. - Vamos para a próxima etapa?

- Não existe próxima etapa - disse a Dra. Luger,

pegando o braço de Kathy, que agora estava histérica. - A doença é incurável. Michael está morrendo.

Ao ouvir isso, Matthew ficou em choque. Assim como o filho, sempre acreditara que conseguiriam vencer a leucemia. Não podia ser o fim. Kathy começou a chorar encostada numa janela enquanto a Dra. Luger e Matthew foram para uma sala conversar com Michael. A médica explicou que poderia levar semanas ou até meses. Michael simplesmente assentiu e apenas perguntou: "A mamãe está bem? Estou ouvindo-a chorar."

**Kathy continuou cuidando** de Michael em casa ao longo dos meses seguintes.



Mas ele não havia se recuperado das últimas sessões de quimioterapia, e estava sempre pálido e melancólico. Decidiu ir ao casamento da irmã, no sábado, 23 de março de 2002, e conseguiu. Mas, na segunda-feira, confessou que vinha tendo febre alta fazia dias e que tomara Tylenol para disfarçar e não estragar a cerimônia. Foi levado de volta para o hospital, e exames mostraram que ele estava com insuficiência cardíaca.

No dia 14 de abril, depois de acordar de um cochilo que tirava no sofá, Michael disse à mãe:

- Você tomou conta de mim durante esse tempo todo. Acho que daria uma enfermeira maravilhosa. Sei que nunca vou ser enfermeiro, mas prometa que você vai voltar a estudar e seguir essa carreira - pediu ele. Mais tarde, acrescentou: - Quero que trabalhe no hospital em que eu fui tratado.

- Fiz isso por você, mas jamais poderia fazer por outra pessoa, Michael.

- Existem muitos outros por aí que estão como eu - respondeu ele. - Quero que você jure.

- Tudo bem. Vou ser enfermeira. Eu juro - concordou Kathy para não contrariá-lo.

No dia seguinte, a pressão arterial de Michael desabou para seis por quatro. Kathy e Matthew chamaram parentes e amigos e disseram a Matthew Jr. que ele precisava vir para casa imediatamente. Quando o padre da igreja que a família freqüentava pressionou um crucifixo contra a testa de Michael e começou a dar a extrema-unção, Kathy percebeu que o filho tinha cada

vez mais dificuldade de respirar. Ele estava apertando com força um pingente prateado, em forma de anjo e com a palavra "amor", que lhe fora dado por uma amiga. Matthew abraçou o filho, e Kathy encostou sua testa na dele. "Mike, não se preocupe. Pode ir. Você vai parar de sentir dor." E Michael fechou os olhos pela última vez.

**Semanas após o funeral**, Kathy ainda mal conseguia se levantar da cama. Certa noite, ela teve um sonho que acredita ter sido uma mensagem. Viu Michael saudável e bonito.

- Mike, está tudo bem? - perguntou, sentindo o cheiro da colônia Perry Ellis que o filho sempre usava.

- Está tudo ótimo, mamãe. Mas você precisa parar de chorar. Precisa se lembrar da sua promessa.

O sonho fez com que Kathy se mexesse. No dia 28 de maio, um mês e meio após a morte do filho, ela se submeteu a testes de nivelamento numa faculdade comunitária local. *Será que estou maluca? Faz 25 anos que não abro um livro escolar*, pensou. Mas se saiu bem nos testes.

Estudar Enfermagem foi muito difícil, principalmente para alguém que jamais usara um computador antes. Para completar as tarefas, Kathy levava o dobro do tempo dos alunos mais jovens, e muitas vezes pensou em desistir. Mas Matthew e o restante da família sempre a apoiaram. "Ela vivia mergulhada nos livros", lembra Melissa. "Estudava até nas férias. Sei que estava pensando em Michael o tempo todo, e que era isso que a fazia seguir em



frente.” Kathy freqüentou as aulas e fez até cursos de verão, enquanto trabalhava em meio expediente na delicatessen. E, finalmente, conseguiu o diploma, depois de se formar com honras em maio de 2006 pela Universidade Thomas Jefferson e logo se tornar enfermeira profissional.

**No outono antes de se formar,** Kathy se dirigiu a uma feira de empregos e foi direto falar com Beverly Emonds, que contratava novos funcionários para o Hospital da Universidade da Pensilvânia. “Oi, meu nome é Kathy Staub e eu gostaria de trabalhar no seu hospital”, disse ela. “Mas precisa ser no Rhoads 7, na sessão de transplantes de medula.” No início de novembro, Beverly Emonds ligou para Kathy contando que havia uma vaga no hospital. Mas nem tudo estava resolvido. Kathy precisaria convencer a enfermeira-chefe daquele setor de que o que acontecera com Michael não iria interferir nas suas atividades. Por fim, conseguiu o emprego.

Alguns dias depois de começar, Kathy estava no quarto de um paciente, segurando uma seringa cheia de Neupogen. O jovem com leucemia, seu primeiro paciente, era mais ou menos da idade de Michael, e também detestava injeções. Kathy iniciou o procedimento, sentiu o suor cobrir-lhe a testa mais uma vez e não conseguiu deixar de

pensar no filho. Mas, subitamente, foi tomada pela autoconfiança. Aplicou a injeção de forma rápida e precisa, como uma verdadeira profissional. *Não é tão difícil,* pensou.

Todos os dias, quando Kathy chega ao elevador do hospital e aperta o botão do sétimo andar, pega o pingente em forma de anjo que pertenceu a Michael, segura-o com força e diz: “Michael, ajude-me em mais este dia.” Os plantões de 12 horas são intensos, mas gratificantes. Embora o lugar lhe traga muitas lembranças, Kathy adora trabalhar com algumas das enfermeiras que cuidaram de seu filho.

Ela quase nunca fala sobre Michael com a família dos pacientes, porque não quer que percam as esperanças. Mas, às vezes, alguém descobre e pergunta sobre ele. Uma das primeiras pacientes de Kathy, uma jovem com leucemia, não reagira bem ao transplante de medula, e estava morrendo. Kathy se lembrou de Michael ao ver a mãe da menina chorando ao pé da cama. A mulher virou-se para ela e perguntou:

– Como a senhora sobreviveu a isso?

Kathy levou-a para o corredor e ela caiu em prantos.

– A gente nunca esquece, mas a senhora vai sobreviver – disse Kathy. Então, tocou no pingente em forma de anjo, que estava no bolso do seu uniforme. – Vai encontrar um caminho.

---

## PÉROLA ESCOLAR

“Os Alpes ficam localizados na direção de cima.”

Jack Ray, EUA